

FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENSINO E TRADIÇÃO FILOSÓFICA

PHILOSOPHY IN BASIC EDUCATION: TEACHING AND EMANCIPATION

Celso Eidt¹
Paulino Eidt²

Resumo: O texto apresenta reflexões acerca do ensino de filosofia na educação básica brasileira. A sua recente inclusão obrigatória no ensino médio, além de atender às expectativas da comunidade filosófica e dos educadores e estudantes em geral, trouxe desafios para as instituições escolares da educação básica e para as universidades. Como tornar a filosofia um saber significativo na formação dos jovens? Acreditamos que é possível pensar o ensino de filosofia na perspectiva da formação integral fazendo da crítica um pressuposto do estudo da tradição e da problematização filosófica dos dilemas da sociabilidade humana. Para contribuir com tal perspectiva vamos apresentar e exemplificar a experiência filosófica do jovem Marx na imprensa, onde debate com sensibilidade social e rigor filosófico, temas e problemas do contexto social.

Palavras-chave: Filosofia. Crítica. Ensino. Autonomia.

Abstract: The text presents reflections about philosophy teaching in Brazilian's primary education. Its recent compulsory inclusion in high school, in addition to meeting the expectations of the philosophical community and of the teachers and students in general, it brought challenges to scholar institutions of basic education and to the universities. What can be done to make philosophy a significant knowledge on the education of the young? We believe that it is possible to think the teaching of philosophy in the perspective of the integral formation, turning the criticism into an assumption of the study of tradition and of the philosophical questioning of the human sociability dilemmas. To contribute to this perspective, we will present and exemplify the philosophical experience of young Marx with the press, where we debate with social sensibility and philosophical discipline, topics and issues from the social context.

Keywords: Philosophy. Criticism. Teaching. Autonomy.

1. Introdução

O texto apresenta reflexões sobre o lugar do ensino de filosofia, assim como das ciências humanas, na educação básica brasileira. A sua recente inclusão como disciplina obrigatória nos currículos do ensino médio, além de atender às expectativas da comunidade filosófica e dos educadores e estudantes em geral, trouxe um conjunto de desafios não apenas para as instituições escolares da educação básica, mas, igualmente,

¹ Doutor em Filosofia e Professor Adjunto da Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: celsoeidt@gmail.com

² Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Professor titular da Universidade do Oeste de Santa Catarina. E-mail: paulino@unoescsmo.edu.br

para as universidades. Desafios em relação ao lugar da filosofia na escola, as condições do seu retorno, da sua recepção num lugar não consolidado, do cenário crítico marcado pela carência de profissionais com formação filosófica adequada, pela ausência de materiais didáticos e de apoio, carência de recursos metodológicos, de referências em experiências pedagógicas, assim como de espaços de interlocução com outras áreas da formação escolar.

Como tornar a filosofia um saber significativo na formação dos jovens? A filosofia é concebida como um saber abstrato, de criação e recriação conceitual, com força crítica e capacidade para problematizar grandes questões universais. Como desenvolver na forma disciplinar um saber mais abstrato e duradouro, que se ocupa de questões universais, discute e cultiva a tradição, investiga princípios e fundamentos dos saberes em geral, ou seja, pouco se inclina a dar respostas a problemas e demandas mais urgentes e imediatas?

Diante destes desafios o texto irá propor a possibilidade de organizar um programa de atividades para o ensino de filosofia a partir da ideia de crítica, concebida num duplo movimento: capacidade crítica para a leitura e interpretação de textos filosóficos e capacidade crítica para problematizar e interpretar criticamente questões relevantes do contexto social dos estudantes. O propósito é mostrar que o ensino de filosofia pode ser pensado na perspectiva da interação entre consciência e mundo, pensamento e realidade, tradição cultural e processualidade social.

2. Filosofia, ensino e crítica

Acreditamos que é possível pensar o ensino de filosofia calcado nos princípios da formação integral, onde se contempla o estudo crítico da tradição filosófica sem descuidar da interpretação filosófica dos dilemas que ocupam os educandos no atual contexto da sociabilidade humana. Consideramos que a conquista da autonomia e da emancipação intelectual dos jovens estudantes requer não apenas capacidade de leitura e interpretação de textos filosóficos, mas também capacidade crítica em relação aos problemas próprios da sociedade atual. A histórica exclusão da filosofia e das humanidades em geral das escolas do ensino médio brasileiro, concebido e organizado em função de objetivos mais pragmáticos e imediatos, empobreceu o pensamento crítico e a prática da reflexão questionadora, produzindo um cenário adverso à recepção e promoção do estudo da tradição filosófica. Não se pode pressupor um pronto interesse

pela filosofia por parte dos jovens estudantes das escolas da educação básica. É preciso investir em recursos teóricos e metodológicos para criar programas de ensino capazes de estimular e mobilizar a atenção e o interesse para uma recepção mais adequada às exigências próprias do saber filosófico. Neste sentido acreditamos que apenas através de um programa de trabalho que articula a tradição com aquilo que hoje constitui o universo das produções materiais e ideais, suas articulações e formas de manifestação e implicações na vida dos jovens estudantes, pode-se tornar o ensino de filosofia uma experiência significativa, respondendo aos desafios demandados pela educação escolar.

Para contribuir com tal perspectiva vamos apresentar e exemplificar, a partir de algumas referências em textos do jovem Marx, a experiência de um debate (realizado principalmente através de escritos de imprensa), que confronta a tradição filosófica com os dilemas do contexto social, evidenciando que a filosofia pode realizar um diálogo fecundo e esclarecedor, tratando temáticas diversas e usando linguagens adequadas a distintos contextos e sujeitos sociais. A abordagem buscará apresentar, a partir de alguns escritos, tópicos que mostram a força e vitalidade da experiência de um debate filosófico realizado fora das instituições formais da educação, e que pode servir de referência para estimular a busca de recursos teóricos e metodológicos capazes de contribuir no desenvolvimento de práticas educativas no campo da formação escolar.

O propósito acima não pretende, em absoluto, estabelecer qualquer relação entre épocas e contextos históricos da produção ou recepção filosófica, mas apenas mostrar que é possível realizar a interlocução entre a tradição filosófica e os temas e questões relevantes da época, criando condições adequadas às exigências de distintos contextos formativos, seja no campo da cultura em geral, seja na esfera da educação formal.

Assim, diante de um conjunto de críticas às tendências que pensam o ensino básico nos moldes da especulação acadêmica, se pretende apontar no interior da tradição filosófica, possibilidades teóricas onde o debate contempla tanto o trato com os autores e obras da tradição quanto o trabalho de interpretação filosófica dos grandes temas e dilemas que ocupam a comunidade humana. Cabe registrar que os textos a serem referidos não estão diretamente vinculados com a temática da educação e tampouco com o ensino; são, por exemplo, escritos jornalísticos e outros artigos, escolhidos por terem como propósito a crítica pública, aberta e livre, onde o autor debate distintos pontos de vista sobre temáticas diversas, mas centrais, da dinâmica da vida social. Debates estimulados pela força com que tais questões se apresentam e afetam os interesses e necessidades do cotidiano humano e, ao mesmo tempo, desafiam

o filósofo a buscar elementos teóricos na tradição para fundamentar e qualificar sua ação crítica. Um ensino pensado nesta perspectiva pode tornar-se um saber significativo na formação dos jovens estudantes. É preciso encontrar eixos temáticos e linguagens capazes de articular tradição e presente para dialogar com o rico e complexo universo de exigências, possibilidades e limites que caracterizam as jovens gerações de estudantes.

Nos anos de 1970 e 1980, umas das referências mais referidas e conhecidas dos textos do jovem Marx era a XI das Teses Ad Feuerbach; “Até hoje os filósofos se preocuparam e interpretar o mundo, cabe transformá-lo”. Desgastada pela forma panfletária com que foi popularizada, a tese acabou por ser delegada ao uso pragmático e imediato dos movimentos e entidades sociais. Em tal condição, perdeu-se justamente o lastro de um debate filosófico mais amplo exercido por Marx a partir do movimento dos jovens hegelianos de esquerda. Ou seja, a XI das Teses ad Feuerbach é um dos resultados a que Marx chegou a partir de um fértil debate entre a tradição filosófica da época e os grandes fatos e eventos que moviam os homens e as nações da Europa da época. Ou seja, Marx concebe a filosofia enquanto atividade racional capaz de formar a consciência dos homens acerca de suas próprias criações teóricas assim como de seu contexto histórico social. A filosofia, assim concebida, se torna autocrítica da tradição de pensamento e crítica do real. Este constitui, no nosso entendimento, um campo temático a ser explorado para promover um ensino comprometido com os ideais de uma formação crítica e emancipadora.

Acompanharemos alguns momentos desta postura teórica característica do trabalho filosófico de Marx nos anos iniciais de sua formação intelectual.

Em carta ao pai, de 10 de novembro de 1837, na qual faz uma avaliação de seu primeiro ano na academia, Marx revela que o encontro com a filosofia deu-se em meio ao estudo da jurisprudência, dos nexos entre a forma e o conteúdo do direito e afirma que “sem filosofia não era possível penetrar nos problemas” (MARX, 1981, p.7). Na carta, onde já questiona o pensamento de Kant e Fichte, afirma que é preciso dedicar-se “a buscar a ideia na realidade mesma”. Confessa ainda que, acometido por uma enfermidade, aproveitou o período para estudar de “cabo a rabo Hegel e a maioria de seus discípulos”, ou seja, dedicou-se ao estudo da “atual filosofia do mundo” (MARX, 1981, p.10-11). Fica clara a disposição de, por um lado, fazer do real o objeto do trabalho filosófico e por outro, dedicar-se ao estudo da tradição filosófica.

A ideia de uma relação interativa entre filosofia e mundo ganha força na *Tese Doutoral*, quando Marx, ao tratar da transformação do mundo, afirma que esta não pode

ser o resultado de uma constante oposição, mas da interação entre espírito e mundo. Distinto dos jovens-hegelianos para os quais é a consciência universal que determina a marcha da história, para Marx é a interação entre espírito e mundo (CORNU, 1965, p. 240). Segundo Bermudo, no ano de 1841, em plena afirmação da crítica filosófica e da autoconsciência, Marx já manifesta preocupações com a ação transformadora da filosofia, ainda que concebida como o resultado da atividade do espírito. Frente aos neo-hegelianos, que opõem de forma abstrata a filosofia ao mundo fenomênico, Marx (1975, p. 43) recorre à dialética hegeliana imanente ao mundo, mas dele se distingue porque entenderá o mundo como “realidade em si, independente do espírito”.

Ou seja, a *Tese Doutoral* revela traços marcantes da formação filosófica de Marx, quando fica claro o espírito de crítica e de luta, assim como a “vontade de realizar a filosofia da consciência no seu conflito com o mundo, que está situado entre duas correntes: o partido liberal que tem por princípio a filosofia e por ato a crítica; e a filosofia positiva, encerrada em si mesma, e que não vai além de reivindicações e tendências” (RUBEL, 1991, p.19).

Concluída a *Tese Doutoral*, Marx, assim como quase todos os intelectuais liberais alemães na década de 40 do século XIX, não encontrou espaço nas universidades, de maneira que ingressou nas atividades da imprensa. Participou do projeto editorial da *Gazeta Renana*, da qual foi membro fundador, articulista e redator chefe.

Os trabalhos de imprensa mostram de forma clara a possibilidade de discutir filosoficamente assuntos variados da época. A filosofia pode realizar, em espaços e formas distintas, um trabalho de crítica e divulgação acerca dos mais variados temas que movem a comunidade humana. A opção pela imprensa, dá a Marx a oportunidade de exercer uma análise filosófica rigorosa sobre diversas temáticas de caráter político, econômico, social e cultural, nunca descuidando de debater a questão da imprensa enquanto tal. Discutir filosoficamente na imprensa temas da realidade é também opção teórica e política, compromisso com o desenvolvimento cultural da época. Marx define a imprensa como a “mais poderosa alavanca da cultura e da educação espiritual do povo” porque constitui a mais ampla esfera de atividades do espírito e, enquanto tal, “transforma a luta material em luta ideal, a luta da carne e sangue em luta do espírito, a luta da carência, do apetite, da empiria, numa luta da teoria, do entendimento, da forma” (FL, 1987, p. 272). Esta afirmação entusiasta e clara mostra o interesse do jovem filósofo pela formação do espírito cultural da Alemanha da época. Evidencia,

igualmente, que há condições de trazer a filosofia ao interesse público, ao espaço aberto da imprensa, ao diálogo sobre os mais diversos temas e com os mais variados sujeitos.

A defesa por uma postura filosófica capaz de interagir com a cultura de seu tempo vem acompanhada por uma severa crítica ao que seriam os entraves ao desenvolvimento cultural da Alemanha, ao “espírito alemão” da época. Entraves causados pelos intelectuais oficiais, os burocratas, a filosofia acadêmica que deixou de ser a língua do pensamento e os próprios professores universitários. O “espírito da época” não é expresso livremente em sua diversidade e riquezas, porque está numa relação de exterioridade com a verdadeira vida popular, o que constitui a razão básica do lento desenvolvimento político da Alemanha. É a época em que os “sábios por profissão, corporação ou por privilégio, os doutores e outros especialistas, os escritores universitários sem caráter do século XVII e XVIII, com suas tranças duras, o seu elegante pedantismo e as suas minúsculas dissertações micrológicas, se puseram entre o povo e o espírito, entre a vida e a ciência, e entre a liberdade e o homem” (MARX, 1987, p. 215).

A filosofia alemã, segundo Marx, está dissociada da realidade: o “espírito do tempo” não pode ser procurado nos jornais e nem nos livros. A filosofia alemã apresenta, como uma de suas características básicas, permanecer distante do mundo de seu tempo, ocupando-se, acima de tudo, da construção de sistemas ordenados de forma lógica, mas não conciliados com a sua época. A propósito, Marx, em meados de 1842, critica os princípios abstratos da visão política de Moses Hess (no fragmento que escreveu a respeito do artigo *O Problema da Centralização visto em si mesmo e em relação ao Suplemento de número 137 da Gazeta Renana, de 17 de maio de 1842*) e afirma que “a filosofia deve protestar quando é confundida com a imaginação” (MARX, 1980, p. 184).

Ainda no artigo *Editorial do Nº 179 da Gazeta da Colônia*³, ao criticar os fundamentos religiosos do Estado, Marx atribui à filosofia a tarefa de cuidar dos assuntos terrenos. Aqui ele não está falando das instituições escolares, mas da imprensa, a qual apresenta como espaço privilegiado para o desenvolvimento do espírito da época. Das críticas às formas de bloqueio da relação entre “a vida e a ciência, é particularmente forte a crítica dirigida ao caráter antipopular da filosofia alemã, sua solidão sistêmica e desapaixonada introspecção. Antes de ir aos jornais, a filosofia se opunha à imprensa;

³ Publicado entre 10 e 14 de julho de 1842 na *Rheinische Zeitung* em resposta a Karl Heinrich Hermes, redator político da Gazeta de Colônia, defensor da Igreja Católica contra o protestantismo.

existia uma oposição entre os isolados sistemas filosóficos, distantes da realidade cotidiana, e a atividade da imprensa, preocupada em reagir e comunicar imediatamente os fatos cotidianos. A filosofia, sobretudo a filosofia alemã, tem uma inclinação pela solidão, ao isolar-se em sistemas, à apaixonada autocontemplação, de forma que desde o início se contrapõe estranhamente ao caráter dos jornais, os quais reagem imediatamente aos últimos acontecimentos, e se satisfazem apenas na comunicação. “A filosofia, entendida no seu desenvolvimento sistemático, é antipopular; o seu tecer secreto, no próprio íntimo, aparece aos olhos profanos como um estéril esforço sem praticidade” (MARX, 1964, p. 11).

O fato de a filosofia ter permanecido fora da atividade cotidiana da imprensa não significa que tenha vivido fora do “espírito do mundo”. Enquanto oposição ao mundo a filosofia não apenas se esforçava para entendê-lo, mas transformá-lo. O distanciamento entre a filosofia e o mundo real, não significa que os filósofos “brotam da terra como os fungos, mas são os frutos de seu tempo e seu povo, cuja seiva mais sutil, mais valiosa e mais invisível circula nas ideias filosóficas. O mesmo espírito que constrói os sistemas filosóficos no cérebro dos filósofos constrói as ferrovias pelas mãos dos operários”. Marx aposta na reconciliação entre filosofia e mundo, e já que o mundo é o mundo da cabeça e a filosofia é a essência espiritual de seu tempo, chegará um dia em que ela se “mantém em contato e em intercâmbio com o mundo real de seu tempo, não só interiormente, por seu conteúdo, mas também exteriormente, por seu modo de manifestação. Então a filosofia deixará de ser um sistema determinado frente a outros, para converter-se na filosofia geral frente ao mundo, na filosofia do mundo atual” (EDOTORIAL, 179, p. 230).

Segundo o parecer de Mário Rossi, neste artigo Marx parte do princípio de que a filosofia pertence à totalidade do mundo, do qual se encontrava afastada. É, pois, o momento em que Marx (1971, p. 97) sustenta a origem mundana da filosofia. Na mesma direção vai a análise de Cornu, segundo a qual Marx exige que a filosofia abandone a especulação abstrata e tome contato com a realidade. A filosofia é considerada por Marx a mais elevada expressão de uma época; nasce das tendências e necessidades de seu tempo e deve também atuar sobre seu tempo e dirigir seu desenvolvimento. A filosofia, pois, orienta a marcha racional do mundo, de forma que é sua tarefa discutir as questões terrenais.

Neste interim, embora esteja inserido no movimento-liberal dos jovens hegelianos, Marx manifesta concepções próprias em relação às condições da interação

entre pensamento e realidade. Realidade composta por contradições que, segundo ele, por longo tempo existiram externamente, fora do mundo da atividade do espírito ou da cultura.

A introdução da filosofia no mundo pela imprensa, sua atuação como atividade pública, lhe permite iluminar o espírito público e realizá-la como conhecimento voltado à verdade. A filosofia pode falar por si, dispõe de recursos para falar sobre assuntos diversos tanto no terreno da filosofia quanto da religião. Ao criticar as censuras de natureza religiosa ao debate filosófico na imprensa, Marx (1964, p. 13-14) apresenta algumas daquelas que considera serem determinações da linguagem filosófica, voltada à busca do conhecimento como um valor em si:

[...] a filosofia fala diversamente sobre objetos filosóficos e religiosos do que vós tendes falado. Vós falais sem estudo, e ela fala com estudo. Vós vos voltais à paixão, e ela volta-se à razão. Vós amaldiçoais, e ela ensina. Vós exigis a fé nos vossos resultados, ela não exige fé nos seus, mas que se examine a dúvida.

Outro momento em que Marx apresenta traços de uma concepção filosófica voltada ao exame de assuntos terrenos é numa polêmica com a *Gazeta de Colônia*, que questiona a discussão filosófica de assuntos políticos num Estado cristão. Aqui Marx (1964, p.14 -15) define a filosofia como sabedoria do mundo:

A sabedoria do mundo, a filosofia, tem mais direito de ocupar-se do reino deste mundo, do Estado, do que a sabedoria do outro mundo, a religião. Não se pergunta se sobre o Estado cabe filosofar, mas se cabe fazê-lo bem ou mal, filosófica ou anti-filosoficamente, com preconceitos ou sem preconceitos, consciente ou inconscientemente, com ou sem coerência, racional ou semi-racionalmente.

Discutir assuntos terrenos não constitui problema para a filosofia porque o faz filosoficamente, isto é, sem preconceitos, nem incoerências ou irracionalidades. Há, portanto, condições explícitas de como a filosofia pode se ocupar de assuntos do cotidiano da vida social sem perder seu caráter próprio, de ser um conhecimento racional, rigoroso, coerente e crítico.

Certamente a experiência de Marx como articulista e redator chefe da *Gazeta Renana* foi fundamental na sua concepção de filosofia e na própria formação filosófica. Foi assim que ele entrou em contato com os interesses materiais, com questões de natureza política e econômica. Conforme confessa mais tarde na Introdução à Crítica da

Economia Política, saiu do trabalho de imprensa duvidando de sua primeira base filosófica. Condição diante da qual optou pelo gabinete de estudos, onde buscou resolver dúvidas teóricas pela “revisão da filosofia do direito de Hegel”. A resolução da dúvida veio constituir-se na obra conhecida como *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*; que, de fato, é uma prestação de contas com o idealismo hegeliano.

Deste texto, da parte *Introdutória*, queremos destacar o princípio filosófico da crítica. Não é desconhecido o fato de que boa parte das obras de Marx inclui em seu título o termo crítica. Não é um termo casual. A filosofia marxiana é essencialmente crítica. O caráter duplo da crítica é um traço marcante: crítica da tradição e crítica da realidade. Então, da *Introdução* da *Crítica da Filosofia do Direito* e também das correspondências preparatórias, queremos destacar rapidamente tal postura metodológica.

Em setembro de 1843, em carta a Ruge antes de mudar-se para Paris, Marx fala dos princípios e propósitos do projeto da revista *Anais franco-alemães*. Marx (1987, p. 458) apresenta as “dúvidas filosóficas” nas quais se encontrava, com a vantagem “de não antecipar dogmaticamente o mundo, mas querer encontrar o mundo novo por meio da crítica ao velho”.

O dogma é a razão que se sabe como autoposta, ao passo que a crítica⁴ é a razão em dúvida quanto aos resultados de seu próprio alvo. A questão aqui levantada é a relação entre crítica filosófica e mundo. É da crítica à ordem social estabelecida, ao velho mundo, que emerge a ideia de um mundo novo. A vantagem da dúvida deriva da posição inversa à postura dogmática, que resulta da relação de exterioridade entre pensamento e mundo, do isolamento filosófico, que não se lança sobre o “enigma do mundo”. Ao mundo enquanto enigma a filosofia apresenta soluções enquanto dogmas. A função da crítica é esclarecer as “abstrações dogmáticas”. Nós temos de nos preocupar “com a existência teórica dos homens, fazendo da religião, da ciência, etc., o objeto de nossas críticas” (MARX, 1987, p. 458).

O caráter crítico da filosofia aparece com toda intensidade na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, em cuja *Introdução* Marx apresenta o percurso pelo qual o movimento da crítica vai da representação religiosa, passa pelas ilusões políticas, para chegar ao “vale de lágrimas” que provoca as ilusões da consciência.

⁴ Em Marx a crítica é o “toque de alvorada da Alemanha, sua preceptora em liberdade” (ASSOUN & RAULET, 1981, p. 33).

Aqui a crítica à religião é o pressuposto de toda crítica na Alemanha. Pressuposto atendido na medida em que Feuerbach desmascarou as verdades do além, a “forma sacra da auto-alienação humana”. Se Feuerbach compreendeu que “o homem faz a religião” e não a religião o homem é porque entendeu que a religião é uma consciência do mundo invertida, justamente porque os mundos político e social estão invertidos. A crítica à religião não é um fim em si mesmo, mas uma crítica “àquele mundo que tem na religião seu aroma espiritual” (MARX, 1977, p. 2).

Com a crítica à religião levada a termo também a “existência profana do erro ficou comprometida”; sem a “realidade fantástica do céu”, o homem deve procurar sua verdadeira realidade onde antes apenas via a aparência de si mesmo. “O homem é o mundo dos homens, o Estado, a sociedade” (MARX, 1977, p. 2). Assim, o objeto da crítica passa a ser a forma profana da auto-alienação.

Fazer frente à alienação terrena exige a soma das funções da história e da filosofia. A filosofia que está a serviço da história, tem a missão de “desmascarar a auto-alienação em suas formas profanas”. Eis o caminho pelo qual a crítica filosófica alcança o verdadeiro objeto: “A crítica do céu transforma-se, com isto, na crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito, a crítica da teologia em crítica da política” (MARX, 1977, p. 2).

O que Marx apresenta na *Introdução* é uma espécie de programa pelo qual a filosofia, além de realizar a crítica da tradição, realiza a atividade de formação da consciência acerca das condições ideais e materiais da existência humana. Assim Marx parte da história alemã e da filosofia hegeliana, esta concebida enquanto prolongamento ideal de um contexto social anacrônico. A história alemã está numa relação anacrônica com seu tempo, a filosofia alemã está além de seu tempo. “Somos contemporâneos filosóficos do presente, sem sermos seus contemporâneos históricos. A filosofia alemã é a prolongação ideal da história da Alemanha” (MARX, 1977, p.6). O objeto da crítica filosófica está à altura da questão da época. Ou seja, na Alemanha a inexistência da ruptura prática com a história vem acompanhada pela “ruptura crítica com o reflexo filosófico dessas situações” (MARX, 1977, p.6). A filosofia alemã não está em descompasso com o mundo de seu tempo. “A filosofia alemã do direito e do Estado é a única história alemã que se encontra *al pari* (ao nível) do presente oficial moderno” (MARX, 1977, p.6). A crítica, portanto, precisa abarcar não só a situação existente, mas também sua prolongação abstrata.

Marx (1977, p.7) identifica em Hegel a “expressão última, a mais consequente e a mais rica” filosofia alemã do direito e do Estado. Isto porque é uma filosofia “crítica do Estado moderno e da realidade relacionada com ele” e a negação do modo anterior da consciência política e jurídica alemã”, que é a filosofia especulativa do direito.

Esta proposição permite observar que, ao analisar fatos determinantes da vida política alemã, seu atraso em relação ao movimento político da Revolução Francesa, Marx se volta à leitura crítica daquela obra filosófica que considera a “expressão última, a mais consequente e a mais rica” acerca da sociedade civil e do Estado modernos. Posição que mostra uma postura teórica cuja fundamentação reside tanto na interpretação filosófica da realidade quanto na investigação dos ramos de ponta da ciência de seu tempo. Este é um ponto de vista que nos parece fundamental para pensar o ensino de filosofia.

3. Conclusão

As preocupações, por um lado, em não deixar o ensino de filosofia cair na “vala do senso comum”, numa mera atividade de troca de opiniões sobre assuntos diversos da vida dos estudantes, e por outro lado, de não reduzir o mesmo ensino a uma visão enciclopédica e acadêmica, podem ser diminuídas por uma concepção de ensino em que se integrem as questões que ocupam os nossos tempos com o estudo da tradição filosófica.

De qualquer forma há que considerar que o retorno da filosofia ao currículo das escolas da educação básica brasileira cria um conjunto de expectativas, preocupações e necessidades acerca das condições de seu ensino. O que singulariza o ensino de filosofia no interior de uma instituição escolar laica, democrática, fundada na ideia republicana de educação? O que são e quais são as competências e habilidades próprias para o exercício do ensino de filosofia? Que habilidades e competências especificamente filosóficas são necessárias e podem contribuir para a formação dos estudantes?

O ensino de filosofia, fundado em temas e textos clássicos, articulado e comprometido com problemas e temas da época, tem muito a contribuir para a formação integral do jovem, justamente numa fase em que este se encontra diante de desafios e exigências múltiplas. A filosofia precisa estar aberta a tais desafios, olhá-los e contribuir para produzir consciência, refletir sobre as possibilidades e implicações das escolhas, aprofundar temas relativos ao mundo profissional e do trabalho, mostrar alternativas

culturais, sociais e políticas, participar da formação dos jovens, de seu amadurecimento intelectual, da autonomia de pensamento e da capacidade crítica. Trata-se, num primeiro plano, da formação para a vida, da autoconstrução como ser humano, seja na condição de homem, membro da sociedade civil, seja na condição de cidadão, membro do Estado. Não se trata de uma filosofia salvacionista e tampouco contemplativa, mas de um saber vivo, que ativa e aprofunda o debate, que produz consciência e clareza sobre as decisões e implicações dos projetos e ações dos homens em sociedade.

Apenas um trabalho articulado, que a partir do ensino, da pesquisa e da extensão, cria políticas específicas e mobiliza recursos, pode atender às demandas no campo do ensino escolar. A interlocução entre universidade e escolas da educação básica, assim como os agentes educacionais em geral, é um pressuposto necessário ao desenvolvimento das condições da qualificação do ensino escolar. Permanece também a exigência maior de pensar a formação do professor e do ensino de filosofia no interior do processo educacional como um todo, diante dos desafios que o novo contexto sociocultural e político brasileiro e mundial constituem para as Instituições de formação escolar.

Referências

- ASSOUN, P. L.; RAULET, G. *Marxismo e teoria crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BERMUDO, J. M. *El Cconcepto De Praxis En El Joven Marx*. Barcelona : Península, 1975.
- CORNU, A. *Carlos Marx - Federico Engels: Del Idealismo al Materialismo Histórico*. Buenos Aires: Editorial Platina y Editorial Stilcofrag, 1965.
- MARX, K. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- _____. *Carta a Ruge* (setembro de 1843). In: MARX, K.; ENGELS, F. *Engels, escritos de juventud*. México: Fondo de Cultura Económica, p. 457-460, 1987.
- _____. *Opere, I*. [-JCM - Giustificazione de corrispondente della Mosella. p. 344-375. -SAZACCP - I supplementi ai nn. 335 e 336 della Algemeine Zeitung di Augusta sui comitati dei ceti in Prússia. p. 299-314. -RCKZ - La riforma comunale e la Kölnische Zeitung. p. 272-279]. Roma: Riuniti, 1980.
- _____. *Marx, escritos de juventud*. (Obras fundamentales, v. 1). [-FL - *Debates sobre la ley castigando los robos de leña*. p. 248-283. -Editorial 179 - *El editorial del número 179 de la Gazeta de Colonia*. p. 220-236. -OLH - *La oposición liberal en Hannover*. p. 284-285. -LI - *Los debates de la VI Dieta Renana – artículo primero: Los debates sobre la libertad de prensa y la publicación de los debates de la Dieta*. p. 173-219]. México: Fondo de Cultura Económica, 1981
- _____. *Glosas críticas ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social”*. *Por um prussiano (Vorwärts!)*. *Práxis*, Belo Horizonte, n. 5, 1995.
- _____. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Opere I: Karl Marx 1835-1843*. Roma : Riuniti, 1980.

MARX, C.; ENGELS, F. *Obras Fundamentales*. Marx, Escritos de Juventud. Tradução de Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.
ROSSI, M. *La Génesis del Materialismo histórico II: El Joven Marx*. Madrid: Alberto Corazón. Comunicacion, 1971.